



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Monte Alto**

código  
**AII - F13 - BP**

localização

**Estrada de terra municipal, com acesso pela Rodovia RJ-141, entre Dorândia e São José do Turvo**

município

**Barra do Pirai**

época de construção

**1875-1885**

estado de conservação

**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original

**pecuária leiteira / fazenda de café**

proteção existente / proposta

**nenhuma**

proprietário

**particular**



Fazenda Monte Alto, fachada principal

coordenador / data

**Annibal Affonso Magalhães da Silva - fev 2009**

equipe

**Rita de Fátima Machado Vilela, Geraldo de Souza Bastos Filho e Annibal Affonso**

histórico

**Adriano Novaes**

revisão

**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

O principal acesso para a Fazenda Monte Alto é pela BR-393 (Rodovia Lúcio Meira). Após percorrer cerca de 12 km do Belvedere de Barra do Pirai, no sentido de Volta Redonda, chega-se a um trevo cortado pela RJ-141. À esquerda, a rodovia segue para a localidade de Vargem Grande e, à direita, após uns 2 km de via asfaltada, chega-se a Dorândia. A partir deste ponto, a via segue para São José do Turvo, em leito de terra. Cerca de 2 km após Dorândia, há uma bifurcação, em que o caminho à direita leva a algumas propriedades, dentre elas a Fazenda Monte Alto.

A estrada é sinuosa, acompanhando os vales que contornam os morros meia laranja que pontuam a região. Antes de chegar à fazenda denominada São Sebastião, dobra-se novamente à direita, indo desembocar, quilômetros à frente, na Fazenda Duas Barras. Deste ponto em diante, o percurso continua em estado bem precário, adequado apenas para cavalos, carros tracionados e motos de trilha. O início do trecho é em subida, quase alcançando o cume dos morros, após o que se inicia um trajeto sinuoso e plano, sem sinal de ocupação (f01), até surgir, bem ao longe, a sede da Fazenda Monte Alto, encravada mais abaixo, num plano rodeado por morros de pastagens, com alguns trechos florestados mais elevados<sup>1</sup> (f02).

Conforme se aproxima da sede, a estrada começa a descer e a revelar com mais nitidez a disposição das construções, com a casa de morada à frente e as outras instalações aos fundos (f03).



01



02



03

<sup>1</sup> Com a cota pouco acima dos 500 m de altitude, segundo consta na matriz do mapa do IBGE de Barra do Pirai.

Um córrego (f04) que segue no sentido transversal às edificações, capta toda a água vinda dos cumes dos morros no entorno da propriedade. Um descampado na parte frontal do conjunto é ocupado por uma capinheira (f05). A estrada de acesso termina próxima à casa-sede e à ponte (f06), no trecho do córrego delimitado por um muro de pedra (f07).

A pintura a óleo do italiano Nicolau Facchinetti, datada de 1881, revela-se como um importante registro, que nos permite confrontar a antiga paisagem com a situação atual do sítio e das instalações remanescentes (f08 e f09).



04



05



06



07



Fazenda Monte Alto, óleo sobre tela de Nicolau Facchinetti, 1881

08

Nota-se na pintura a óleo que, do outro lado do córrego, existiam antigas construções, destacando-se duas com dimensões significativas. Hoje, aquela área está ocupada por três blocos recentes, feitos com materiais e técnicas tradicionais. Um serve de estábulo, outro de curral e o menor, como chiqueiro (f10). Das construções pretéritas, restaram pedras pelo chão e uma murada também de pedra, com média de 1,5 m de altura.

Na análise de uma planta elaborada na década de 1980 pelos alunos da Faculdade de Arquitetura de Barra do Pirai (FERP), e através das informações obtidas com um antigo funcionário<sup>2</sup>, foi possível confrontar esses registros com a realidade encontrada em campo.

Postado na varanda, o funcionário descreveu as construções que existiam naqueles espaços, indicando os seus vestígios. Informou que, sob a capinheira, há um piso de pedra, dando provas de ser o local dos antigos terreiros de café. Ao ser perguntado sobre as construções que aparecem representadas nas fontes documentais, disse que se lembra de um bloco que seguia longitudinalmente, próximo ao córrego, no sentido da estrada. Segundo ele, é possível ver as antigas fundações, inclusive as subdivisões de seus compartimentos, escondidas pela capinheira.

Na outra extremidade, junto à base do morro, que provavelmente deu o nome à propriedade, ficava o engenho. Um bloco de pedra lavrada que abrigava a roda d'água, com dimensões de 10,35 m x 3,20 m x 3,00 m (comprimento, largura e altura) e quase 70 cm de espessura (f11), resiste como testemunho das antigas atividades. Além deste, restaram quatro barras de ferro, que ajudavam na amarração de seu eixo central. A água que a movimentava era captada no córrego por meio de uma canaleta que ia serpenteando os morros laterais e, ao transpassar a estrada, terminava num bicamente de ponta cobreada.

De acordo com o seu depoimento, isto foi tudo o que sobrou do conjunto. Ao redor avistam-se, ainda, alguns remanescentes de pedra, como uma mó de formato circular, com quase 2,00 m de diâmetro (f12), e outros afloramentos, talvez das antigas fundações. Ao lado das ruínas, há uma obra recente de alvenaria, que serve de apoio à atividade pecuária (f13).



09



10



12



11



13

A casa foi implantada de frente para a antiga área de trabalho (f14) e parece que manteve a mesma entrada da sede primitiva, tal como representada na pintura do artista italiano.

Uma escada em pedra lavrada, no centro da fachada, marca o acesso a uma extensa varanda alpendrada, com piso em ladrilho hidráulico (f15). Sua cobertura é sustentada por uma linha de esbeltos pilares intercalados por um guarda-corpo em madeira recortada (f16 e f17).



14



15



16



17

Dois blocos terminados em “frontão” destacam-se nas extremidades, compondo um plano de massas singular (f18 e f19). O recorte de telhado arremata plasticamente esta fachada, de gosto romântico, em estilo *chalet*, com acabamentos que lhe conferem qualidades pouco difundidas na área rural em fins do século XIX. A casa-sede guarda a particularidade de ter o córrego passando por debaixo de suas estruturas, na parte posterior da construção, trazendo para dentro da copa e da sala de jantar o som ininterrupto de suas águas (f20 e f21).



Fazenda Monte Alto, s.a., s.d., acervo do proprietário

18



Fazenda Monte Alto, s.a., s.d., acervo do proprietário

19



20



21

Os compartimentos da casa se distribuem ao longo de um bloco contínuo, subdividido em três partes, compondo um formato semelhante a um “Z” (f22). Esses blocos se distinguem pela qualidade do tratamento arquitetônico, que vai simplificando na medida em que se aproxima dos fundos.

Para a varanda frontal, voltam-se os cômodos mais requintados, destacando-se a abertura lateral à direita, onde fica a capela consagrada a Nossa Senhora Aparecida<sup>1</sup>. Seu interior, sem altar e sem a presença de qualquer ornamento ou imagem, tem pintura nas paredes (f23) e sua porta é a mais trabalhada, feita de madeira em arco pleno e com folhas almofadadas, estando em boas condições (f24). Os demais ambientes deste setor destinavam-se ao convívio social e todos eles – sala de visitas, escritórios e salão de festas – voltam-se tanto para a varanda frontal quanto para a varanda dos fundos, também calçada com ladrilho hidráulico, através da qual se chegava a um pátio com uma fonte d’água.

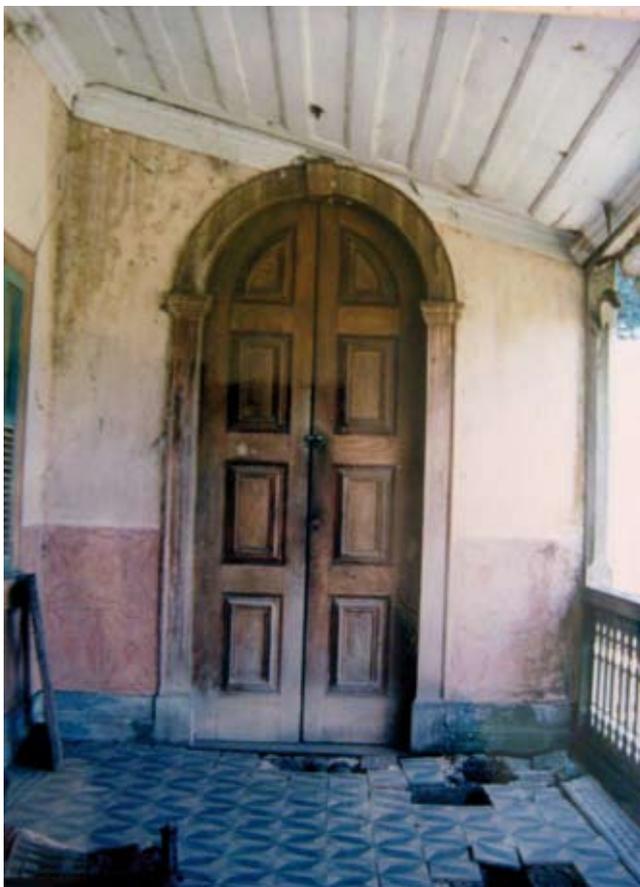
O apuro construtivo é notado nas calhas, das quais restaram apenas as braçadeiras, nos lambrequins (f25) e nos beirais encachorrados (f26), bem como nas portas em duas folhas, arrematadas por bandeiras de vidro e



22



23



24



25



26

em suas janelas com folhas externas de venezianas e internas em guilhotina com postigos de vidro (f27). Há delicadas pinturas decorativas nos rodapés e nas barras até meia altura, ainda visíveis em pequenos trechos das salas e dos ambientes de circulação (f28). Até mesmo os pilares da varanda de fundos não escaparam de um toque refinado (f29).

O bloco central da casa marca o posicionamento dos quartos e de algumas salas que estão em obras (f30). Nas fotos da década de 1980 (f31), percebe-se um acabamento interno semelhante ao da parte principal. Destacam-se as pinturas decorativas nas paredes dos quartos (f32), bem como as pinturas dos barrados nas



27



28



29



30



Área com pintura em *trompe-l'oeil*, hoje em reconstrução (acervo do proprietário)

31



32

paredes da circulação (f33), que possuem duas aberturas / solários no forro para entrada da luz natural (f34). O restante do forro da casa (f35) está conservado, assim como na varanda de fundos (f36), porém, na varanda frontal ele foi retirado.

Num apêndice, nos fundos da casa, fica a parte de serviços (f37). Apesar da simplicidade, nota-se que o piso em madeira de junta cega ainda é original (f38). As janelas com folhas de abrir em madeira cega nas alas dos empregados (f39), diferem-se daquelas da copa e da cozinha, que são iguais às dos quartos e receberam folhas de abrir recentemente.



33



34



35



36



37



38



39

A sede da fazenda possui apenas um pavimento, construído sobre um porão a meia altura, em base de pedra de mão, com estrutura de madeira e vedação das paredes em pau-a-pique, sendo a cobertura arrematada em telhas capa e canal.

O estado precário de conservação da cobertura quase levou a casa ao arruinamento, conforme revelam algumas das imagens de fins da década de 1980 (f40), cedidas pelo Sr. Leandro Pedrosa (filho do proprietário), que acompanhou a equipe nos trabalhos de levantamento arquitetônico da fazenda.

Por ocasião deste fichamento, a casa encontrava-se em obras, que se iniciaram no ano de 2007, logo após a cobertura, a parede e parte do piso da copa terem desabado. Foi feita uma troca provisória das telhas de barro por modelos de fibro-cimento e, como a parte de fundos encontrava-se em melhor estado (f41), foi dada prioridade ao bloco frontal, extinguindo-se a umidade descendente que vinha deteriorando gravemente aquele trecho.

Desde então, esta parte vem sendo reconstruída, adotando-se materiais existentes no mercado (f42 e f43). Foram mantidas as águas e caimentos dos telhados, mas a dificuldade de encontrar telhas com as características das originais levou os proprietários a usar modelos similares, porém, com a cor esbranquiçada.



40



41



42



43

A capela foi o ambiente que se manteve mais preservado (f44 a f47). Num dos compartimentos centrais, restou o piso original (f48), mostrando bem o grau de deterioração em que se encontrava o interior do edifício histórico. Os novos pilares, vigas e cintas estão sendo moldados em concreto armado. Boa parte da vedação de pau-a-pique deu lugar aos tijolos cerâmicos, assentados com argamassa de cimento (f49). Em alguns panos de alvenaria é visível a convivência de tecnologias construtivas de épocas distintas – a terra crua (pau-a-pique) e a terra cozida (tijolo).

Observa-se, no interior, a abertura de alguns novos vãos (f50), mas que mantiveram as divisões dos compartimentos originais. A extremidade esquerda da casa – registrada na foto da década de 1980 sem a cobertura – vem passando por uma total reconstrução (f51).



44



45



46



47



48



49



50

No restante da casa, também se nota o mau estado de conservação dos ambientes: os forros existentes encontram-se deteriorados, assim como os pisos. Os locais aonde ainda existem pinturas e barramentos decorativos nas paredes, como quartos e circulação (f52), merecem uma recuperação mais criteriosa, diferente do tratamento que vem sendo dado (f53).

Numa avaliação do andamento das obras, constata-se que as mesmas deverão prosseguir por um bom tempo, sendo necessário, no entanto, se buscar um assessoramento técnico adequado, a fim de se evitar equívocos como a substituição do antigo pilar de madeira por um de concreto (f54). A guarda de alguns elementos construtivos originais, que se encontram estocados, ou mesmo de seus fragmentos – lambrequins, portas, janelas etc. – permitem a reprodução e a devida reposição das respectivas peças aos seus locais de origem (ver f28). Também é possível reconstituir os medalhões circulares que ficavam nos tímpanos dos frontões (f55), que tem gravado o ano de 1885 (provável data do término da construção), através de um deles, encontrado quebrado no chão (f56).



51



52



53



54



55

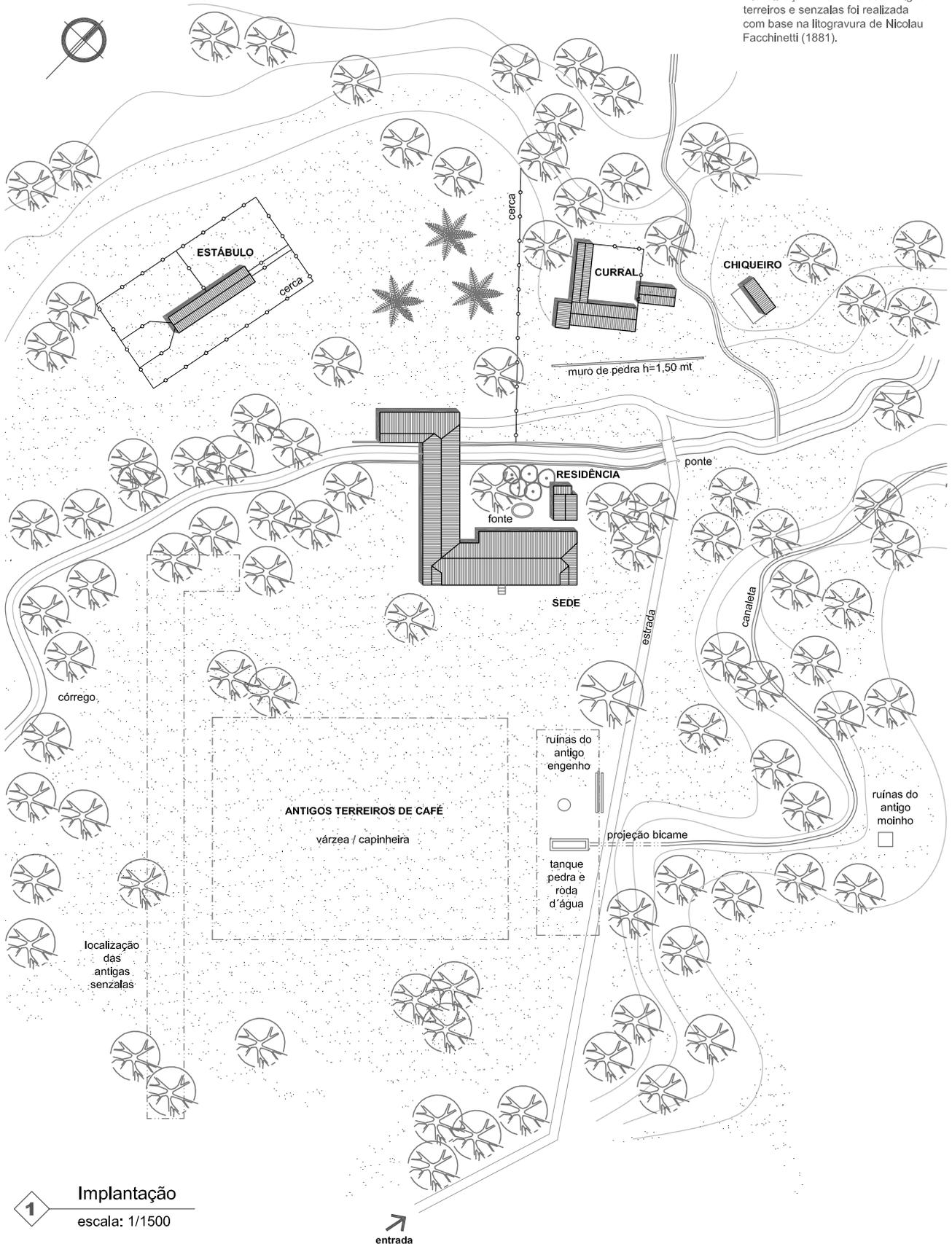


56

**FAZENDA MONTE ALTO**

Observações:

1. A localização das áreas dos antigos terreiros e senzalas foi realizada com base na litogravura de Nicolau Facchinetti (1881).



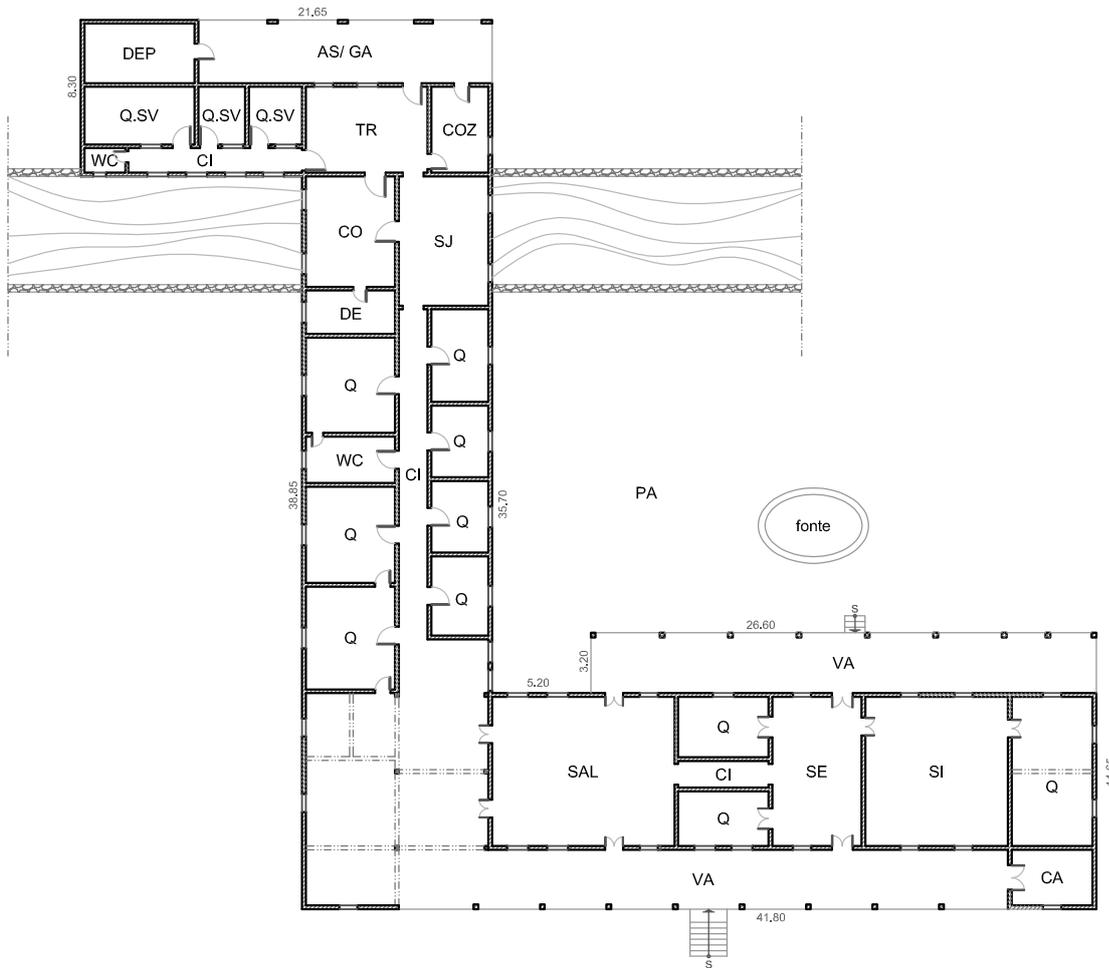
**1** Implantação  
escala: 1/1500

0 5 10 40

**FAZENDA MONTE ALTO**

Observações:

1. A área onde as paredes foram representadas em tracejado foi encontrada em obras na ocasião do cadastro. As alvenarias em questão, segundo o proprietário, serão recompostas.



1

**Planta Baixa da Sede**

escala: 1/400



AS - área serviço	CO - copa	DEP - depósito	Q - quarto	SE - sala de estar	TR - transição	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	GA - garagem	Q.SV - quarto serviço	SI - sala íntima	VA - varanda	alvenaria demolida
CI - circulação	DE - despensa	PA - pátio	SAL - salão	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	

A Fazenda Monte Alto foi uma das várias fazendas fundadas pelo português Matias Gonçalves de Oliveira Roxo – barão de Vargem Alegre – na antiga Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Piraí, atual distrito de Dorândia, município de Barra do Piraí.

Provavelmente foi resultado do desmembramento de parte das terras da Sesmaria das Minhocas, cuja área original era de meia légua em quadra, ou seja, 225 alqueires geométricos de terras<sup>1</sup>.

As terras da fazenda faziam parte da antiga Fazenda dos Jesuítas, que, mais tarde, confiscada pela Coroa Portuguesa, passou a denominar-se Real Fazenda de Santa Cruz. As terras desta gigantesca fazenda iniciavam-se em Guaratiba e terminavam nas proximidades da Fazenda Monte Alto<sup>2</sup>.

Em alguns documentos, aparece João Tomás da Silva como o primeiro proprietário da Sesmaria das Minhocas. Em um mapa de 1848, da mencionada Fazenda Real Fazenda de Santa Cruz, a sesmaria aparece em nome de José Joaquim de Lima<sup>3</sup>.

José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, futuro conde de Tocantins, era concunhado de Matias, e recebeu de presente de seu sogro, o barão de Piraí, a sesmaria da quadra acima da Sesmaria das Minhocas, onde fundou a Fazenda da Juréia. Militar de formação, irmão do Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, exerceu cargos de alta projeção na vida social e política do país, tais como dirigente do Banco do Brasil e presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, chamada, na época, de Sociedade dos Assinantes da Praça, que exerceu durante 23 anos<sup>4</sup>.

Em meados do século XIX, Lima vendeu a Sesmaria das Minhocas a Matias Gonçalves de Oliveira Roxo, possivelmente ainda em pura mata virgem. Matias era senhor também de mais duas sesmarias próximas à das Minhocas: as da Onça, doada pelo sogro, o barão de Piraí, e a de Canto Alegre, adquirida do padre José Joaquim Gonçalves de Moraes, irmão do barão de Piraí. Ambas as sesmarias possuíam uma área de meia légua em quadra<sup>5</sup>.

O primeiro barão com grandeza da Vargem Alegre, Matias Gonçalves de Oliveira Roxo, nasceu em Trás os Montes, em Portugal, a 22 de Setembro de 1804 e veio ao Brasil em 1816, quando abraçou a carreira comercial que abandonou em 1831, quando do casamento com Joaquina Clara, filha do barão de Piraí. Era comendador da Imperial Ordem de Cristo e oficial da Imperial Ordem da Rosa e Grande do Império. Foi pai também do barão de Guanabara, do visconde de Vargem Alegre, do barão de Oliveira Roxo e da baronesa de Santa Maria. Faleceu em sua Fazenda Vargem Alegre, em 16 de Setembro de 1879.

Tudo indica que a Sesmaria das Minhocas foi passada através de dotação, do barão de Vargem Alegre, para seu filho de igual nome, Matias Gonçalves de Oliveira Roxo. Oliveira Roxo filho teria iniciado a construção da atual sede da fazenda por volta de 1875, embora constem nos dois frontões da fachada da sede da fazenda a data de 1885, que crê-se ser a do final da obra. Nesta época, ocorreu também a mudança da denominação da fazenda de “das Minhocas” para “Monte Alto”<sup>6</sup>. Supõe-se que tal denominação tem origem em um dos picos mais elevados da fazenda, onde se encontra implantada.

Situada na Serra das Minhocas, vertente do rio Paraíba do Sul, as elevações nesta propriedade variam entre 500 a 600 m de altitude.

Por ocasião da morte do pai, o barão de Vargem Alegre, Matias herdou a Fazenda da Espuma, com 103 escravos, sendo 11 ingênuos, avaliada na época em 174:710#000 de Réis. Matias realizou obras de modernização nas duas fazendas, com a instalação de tecnologia de ponta para o processo de beneficiamento de café.

Em 1881, encomendou ao pintor italiano Nicolau Facchinetti, uma pintura panorâmica da Fazenda Monte Alto (Piccoli, 2004, p.59). Um ano depois, no dia 13 de setembro, Matias foi agraciado com o título de barão de Oliveira Roxo.

Matias Gonçalves de Oliveira Roxo filho caçula do barão de Vargem Alegre, foi batizado em Piraí no dia 12 de maio de 1852 e faleceu no dia 23 de julho de 1922, no Rio de Janeiro. Deixou sete filhos de seu casamento com sua sobrinha materna, Joaquina Clara Carneiro Leão, nascida em Mendes em 1856, e falecida no dia 04 de agosto de 1945, no Rio de Janeiro (GUIMARÃES E NOBRE, 1998, p.202).

No século XX, já no período da criação de gado de leite, a fazenda foi propriedade do tenente-coronel Adolfo de Carvalho Gomes, casado com Leopoldina Rubião Gomes. Adolfo era neto do pioneiro comendador Manoel Alves Gomes, senhor da Sesmaria de São Manoel, localizada em Conservatória. Era sócio de seu irmão, tenente-coronel Alfredo de Carvalho Gomes, da empresa agrícola “Carvalho Gomes & Filhos”, com diversas fazendas em Conservatória e em Piraí.

<sup>1</sup> Mapa topográfico de 1814, que se encontra anexo a Sesmaria pertencente ao coronel Joaquim José Pereira de Faro e a seu filho Joaquim José Pereira de Faro, Luiz Pereira Ferreira de Faro e João Pereira Darrigue de Faro e Tereza Maria de Jesus, viúva de Manoel da Costa Santos. João Luis da Silva, arquivista classe I. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, em 5 de Abril de 1939. Aristide Leal Pacheco Rosa, arquivista.

<sup>2</sup> Foram os padres da Companhia de Jesus que, agregando-a a outras sesmarias, constituíram um imenso latifúndio assinalado por uma grande cruz de madeira: a Santa Cruz, cujo tomo verificou-se em 1731. Em poucas décadas, a região compreendida entre a Barra de Guaratiba, o atual município de Mangaratiba, até ao rio Paraíba do Sul, no sul do atual Estado do Rio de Janeiro constituía a poderosa Fazenda de Santa Cruz, a mais desenvolvida da Capitania na época, contando com milhares de escravos, cabeças de gado e diversos tipos de cultivos, manejados com técnicas avançadas para o período. Outra das admiráveis iniciativas dos dirigentes da Fazenda de Santa Cruz, no plano da cultura, foi a fundação de uma escola de música, de uma orquestra e de um coral, integrados

por escravos, que tocavam e cantavam nas missas e nas festividades quer na fazenda, quer na Capital da Capitania. Considera-se, por essa razão, que Santa Cruz foi o berço da organização instrumental e coral do primeiro Conservatório de Música no Brasil. Com o banimento dos Jesuítas do Brasil, em 1759, o patrimônio da Fazenda de Santa Cruz reverteu para a Coroa, passando a se subordinar aos vice-reis. Após um período de dificuldades administrativas, sob o governo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, a fazenda voltou a conhecer um período de prosperidade. No início do século XIX, com a chegada da Família Real ao Brasil (1808) e o seu estabelecimento no Rio de Janeiro, a fazenda foi escolhida como local de veraneio.

<sup>3</sup> "Planta corographica de huma parte da província do Rio de Janeiro, na qual de inclue a Imperial Fazenda de Santa Cruz/ C.C.J. de Niemeyer (sic) de; Tem. Gama Lobo dez.; Cel. Belengarde e seus discipulos fez." Escala 1:200.000 [w44o ...], [Rio de Janeiro]; Litograf. De Heaton r Rensburg, 1848.

Notação: 4Y/MAP.50.Arquivo Nacional.

<sup>4</sup> O visconde com grandeza e conde de Tocantins, José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, nasceu em 7 de Outubro de 1809, na cidade Rio de Janeiro e faleceu na mesma cidade em 21 de Agosto de 1894. Era filho do marechal-de-campo Francisco de Lima e Silva e de Mariana Cândida de Oliveira Bello, e irmão do duque de Caxias e da baronesa de Suruí. Casou em primeiras núpcias com Emiliana Gonçalves de Moraes, e, em segundas, com Maria Balbina da Fonseca Costa, filha do marquês da Gávea. Foi deputado pela Província de Minas Gerais, na 8ª legislatura, e pelo Rio de Janeiro nas 10ª e 11ª legislaturas, de 1857 a 1864, e nas 13ª e 14ª de 1867 a 1872. Era Grande do Império, Veador de S.M. a Imperatriz. Era Dignitário da I Ordem da Rosa, comendador da I Ordem de Cristo, da de Vila Viçosa de Portugal, da de São Bento de Aviz e da Ordem Ernestina de 2ª classe, da Casa Ducal da Saxônia.

<sup>5</sup> Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Matias Gonçalves de Oliveira Roxo. Registro feito em 11 de novembro de 1855, no Livro 63, p.3v. Registro nº 8. Freguesia de Nossa Senhora das Dores. Pirai. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

<sup>6</sup> *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. (1865, 1869, 1871 e 1875). Eduardo Laemmert (org.). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert